

Madame Bovary [Gustave Flaubert]



COLECÇÃO NOVIS

BIBLIOTECA VISÃO - 28

Digitalização e Arranjo

Agostinho Costa

O escritor francês Gustave Flaubert publicou em 1857, depois de cinco anos de trabalho, a obra-prima intitulada Madame Bovary. Através da descrição das frustrações e aventuras de uma jovem mulher casada com um decadente médico de província, o autor aborda de forma distanciada e, por vezes, desdenhosa, temas como o amor, a desavença conjugal, a negligência médica, a sexualidade e o suicídio. A escrita rigorosa, o realismo e a objectividade, mas também o sentido do ridículo, caracterizam esta narrativa que marcou a história da literatura até aos nossos dias.

Título Original: Madame Bovary

Autor: Gustave Flaubert

Tradução de Fernanda Ferreira Graça

Edição cedida por

Publicações Europa-América

para BIBLIOTEX, S. L.

Para esta edição ABRIL/CONTROLJORNAL,

impressão: Agosto de 2000

A MARIE-ANTOINE-JULES SENARD
MEMBRO DA ORDEM DOS ADVOGADOS DE PARIS
EX-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA NACIONAL
E ANTIGO MINISTRO DO INTERIOR

Querido e ilustre amigo:

Permita que escreva o seu nome no cabeçalho deste livro e a abrir a própria dedicatória, pois é sobretudo a si que devo a sua publicação. Ao ser objecto do seu magnífico discurso de defesa, a obra adquiriu, aos meus olhos, uma autoridade imprevista. Aceite, pois, aqui, a homenagem da minha gratidão, a qual, por maior que possa ser, nunca estará à altura da sua eloquência e dedicação.

Gustave Flaubert

Paris, 12 de Abril de 1857

Primeira Parte

I

Estávamos na sala de estudo quando o director entrou, seguido de um caloiro sem uniforme e de um contínuo que transportava uma grande carteira. Os que estavam a dormir acordaram e todos se puseram de pé como se tivessem sido surpreendidos a trabalhar.

O director fez sinal para que nos sentássemos novamente; depois, voltando-se para o encarregado de vigiar os estudos:

- Senhor Roger - disse-lhe a meia voz -, aqui tem um aluno que lhe recomendo; entra para a 5ª classe. Se for aplicado e tiver bom comportamento, passará para os mais crescidos, de acordo com a sua idade.

O caloiro, que ficara no canto atrás da porta, de tal modo que mal o conseguíamos ver, era um rapaz do campo, com cerca de quinze anos e mais alto do que qualquer de nós. Tinha o cabelo cortado a direito sobre a testa, como o dos que cantavam no coro da igreja, e mostrava um ar sisudo e muito acanhado. Embora não fosse largo de ombros, o fato de tecido verde e botões pretos devia ficar-lhe apertado debaixo dos braços e deixava ver, pelas aberturas das mangas, uns pulsos vermelhos habituados a andar despidos. As pernas, com meias azuis, saíam-lhe de umas calças amareladas, repuxadas pelos suspensórios. Calçava sapatos grossos, cardados e mal engraxados.

Começámos a recitar as lições. Ele escutou com toda a atenção, como se estivesse a ouvir uma prédica, não ousando sequer cruzar as pernas nem apoiar-se nos cotovelos, e, às duas horas, quando tocou o sino, o vigilante teve de lhe chamar a atenção para que se pusesse connosco na forma.

Tínhamos o costume de, ao entrar na aula, atirar os bonés para o chão, a fim de ficarmos com as mãos mais livres; havia que lançá-los logo do limiar da porta para debaixo do banco, de maneira que batessem na parede e levantassem bastante pó; era essa a praxe.

Mas, fosse porque não tivesse notado a manobra ou porque não se atrevesse a tentá-la, já a oração terminara e ainda o caloiro conservava o boné em cima dos joelhos.

10

Era um daqueles barretes compostos por elementos de boina de feltro, boné turco, chapéu redondo, gorro de peles e carapuça de algodão; uma coisa medíocre, enfim, daquelas cuja fealdade muda tem profundidades de expressão semelhantes às do rosto de um imbecil. Ovóide e armado com barbas de baleia, o boné começava por três chouriços circulares; depois alternavam-se, separados por uma tira vermelha, losangos de veludo e pele de coelho; vinha depois uma espécie de saco que terminava num polígono cartonado, coberto por um complicado bordado a sutache, donde pendia, na extremidade de um cordão demasiado fino, uma pequena borla de fios de ouro, à maneira de bolota. Era novo; a pala reluzia.

- Levante-se - disse o professor.

Levantou-se; o barrete caiu. Toda a classe desatou a rir.
Abaixou-se para o apanhar. O colega do lado voltou a fazê-lo cair com uma cotovelada e o rapaz apanhou-o novamente.
- Deixe lá o boné - disse o professor, homem dotado de um certo humorismo.
Houve uma gargalhada geral dos alunos que desconcertou o pobre rapaz, de modo que não sabia se devia conservar o barrete na mão, deixá-lo no chão ou enfiá-lo na cabeça. Voltou a sentar-se e a pô-lo em cima dos joelhos.
- Levante-se - repetiu o professor - e diga-me o seu nome.
O caloiro articulou, com voz titubeante, um nome ininteligível.
- Repita!
Ouviu-se o mesmo balbuciar de sílabas, abafado pela galhofa da classe.
- Mais alto! - gritou o professor. - Mais alto!
O caloiro, tomando então uma resolução extrema, abriu desmesuradamente a boca e atirou a plenos pulmões, como se fosse para chamar alguém, esta palavra: Charbovari.
Uma enorme algazarra irrompeu na sala, subiu em crescendo, com gritos estridentes (uivava-se, ladrava-se, batia-se com os pés, repetia-se: Charbovari! Charbovari!), depois rolou em notas isoladas, acalmando-se com grande dificuldade e recomeçando subitamente, de vez em quando, numa fila, como uma bomba mal extinta, algum riso sufocado.
Entretanto, à força de ameaças de castigos, a ordem restabeleceu-se a pouco e pouco na classe e o professor,

11

tendo conseguido perceber o nome de Charles Bovary, depois de o ter feito ditar, soletrar e reler, intimou logo o pobre diabo a ir sentar-se no banco dos cábulas, em cima do estrado. Ele começou a mexer-se, mas, antes de dar um passo, hesitou.
- Que procura? - indagou o professor.
- O meu bo... - disse timidamente o caloiro, olhando à sua volta com uma expressão preocupada.
- Quinhentos versos para toda a classe! - exclamou furiosamente o professor, detendo, como o quos ego, uma nova borrasca. - Fiquem lá quietos! - continuou, indignado, o professor, limpando a testa com o lenço que acabava de tirar do gorro. - E você, seu caloiro, vai-me copiar vinte vezes o verbo ridiculus sum.
Depois, com uma voz mais branda:
- Deixe lá, o seu boné vai aparecer; ninguém lho roubou!
Tudo voltou a acalmar-se. As cabeças inclinaram-se sobre as pastas e o caloiro ficou duas horas numa atitude exemplar, embora tenha havido, uma vez ou outra, alguma bolinha de papel que, atirada com o bico de uma pena, lhe veio acertar na cara. Mas ele limpava-se com a mão e continuava imóvel, de olhos baixos.
À noite, na sala de estudo, tirou da carteira as mangas de alpaca, arrumou as suas coisas e traçou cuidadosamente as linhas no papel. Vimo-lo trabalhar conscienciosamente, procurando todas as palavras no dicionário e esforçando-se bastante. Foi sem dúvida essa boa vontade de que deu provas que lhe valeu não ter passado para a classe inferior, porque, embora soubesse razoavelmente as regras, não tinha nenhuma elegância nos modos. Fora o cura da aldeia que o iniciara no latim, visto os seus pais, por economia, o terem enviado para

o colégio o mais tarde possível.

O pai, senhor Charles-Denis-Bartholomé Bovary, antigo ajudante do cirurgião-mor, comprometido, por volta de 1812, em assuntos de recrutamento e obrigado, por essa época, a abandonar o serviço, aproveitara-se então das vantagens pessoais para arrecadar um dote de seis mil francos, que se lhe oferecia na pessoa da filha de um negociante de chapéus, a qual se apaixonara pela sua elegância. Homem belo, fanfarrão, fazendo tilintar bem as esporas, usando suíças compridas a tocar nos bigodes, com os dedos sempre carregados de anéis e vestido de cores vistosas, tinha o aspecto de um valente, com a desenvoltura de um caixeiro-viajante.

12

Depois de casado viveu dois ou três anos da fortuna da mulher, comendo bem, levantando-se tarde, fumando em grandes cachimbos de porcelana, só voltando para casa à noite, depois do espectáculo, e frequentando os cafés. O sogro morreu e deixou pouca coisa; ele indignou-se com isso, montou uma fábrica, perdeu nela algum dinheiro e retirou-se para o campo, onde pretendeu desferrar-se. Mas, como não entendia mais de agricultura do que de chitas, e porque montava os cavalos em vez de os pôr a trabalhar, bebia sidra às garrafas em vez de a vender em barris, comia as melhores aves da capoeira e engraxava as botas de caçar com o toucinho dos porcos, não tardou a aperceber-se de que mais valia abandonar toda a especulação.

Pela importância de duzentos francos anuais conseguiu então arrendar, numa aldeia dos confins das terras de Caux e da Picardia, uma espécie de quinta e, ao mesmo tempo, residência de proprietário. Desgostoso, cheio de remorsos, acusando o céu, sentindo inveja de toda a gente, encerrou-se ali a partir da idade de quarenta e cinco anos, enojado com os homens, dizia ele, e decidido a viver em paz.

A mulher fora em tempos louca por ele; amara-o com mil e uma atitudes de servilismo, que ainda mais o afastaram dela. Outrora jovial, expansiva e apaixonada, tornara-se, ao envelhecer (como o vinho que, exposto ao ar, se transforma em vinagre), mal-humorada, lamurienta, nervosa. Sofrera tanto, sem se queixar, ao princípio, quando o via correr atrás de todas as marafonas da aldeia e quando, à noite, voltava dos piores lugares, embrutecido e a cheirar à bebedeira! Depois, o orgulho dela revoltara-se. Então tornara-se calada, engolindo a raiva num estoicismo mudo que conservou até à morte. Mantinha-se continuamente ocupada, tratando dos negócios da casa. Ia falar aos advogados, ao juiz, recordava-se do vencimento das letras, conseguia prorrogações; e, em casa, passava a ferro, cosia a roupa, lavava, vigiava os trabalhadores, liquidava as contas, enquanto, sem se preocupar com coisa nenhuma, o senhor, permanentemente entorpecido numa sonolência amuada de que só despertava para lhe dizer coisas desagradáveis, continuava a fumar ao canto da lareira e a cuspir nas cinzas.

Quando ela teve um filho, foi preciso entregá-lo a uma ama. Logo que voltou para casa, o garoto foi amimado como um príncipe.

13

A mãe alimentava-o com doces; o pai deixava-o correr descalço e, para se mostrar filósofo, dizia até que ele podia andar todo nu, como os filhotes dos animais. Ao contrário das tendências maternas, tinha ele um certo ideal viril da infância, segundo o qual procurava formar o filho, querendo que este fosse educado duramente, à maneira espartana, para adquirir uma boa constituição. Mandava-o ir deitar-se às escuras, ensinava-o a beber grandes doses de rum e a insultar as procissões. Mas, como era por natureza pacífico, o miúdo correspondia mal aos seus esforços. A mãe andava sempre com ele agarrado às saias; recortava-lhe cartões, contava-lhe histórias, entretinha-se com ele em monólogos sem fim, cheios de gracinhas melancólicas e de tagarelíces mimalhas. No isolamento da sua vida, ela meteu naquela cabeça de criança todas as vaidades esparsas, desfeitas. Sonhava com altas posições, via-o já crescido, belo, espirituoso, bem estabelecido, como engenheiro ou magistrado. Ensinou-o a ler e, com a ajuda de um velho piano que tinha, até o ensinou a cantar duas ou três romanças. Mas, a tudo isso, o senhor Bovary, pouco preocupado com as letras, dizia que não valia a pena! Teriam eles alguma vez meios para o manter nas escolas do Governo, para lhe comprar um cargo ou montar-lhe um negócio? Além disso, um homem desembaraçado triunfa sempre na vida. A senhora Bovary mordida os lábios e o filho vagabundeava pela aldeia.

Ele seguia os trabalhadores e fazia voar os corvos, atirando-lhes com torrões. Comia amoras pelos valados, guardava os perus com uma vara, espalhava o trigo para secar, corria pelo bosque, brincava ao jogo do avião debaixo do pórtico da igreja nos dias de chuva e, nos dias de festa, pedia ao sacristão que o deixasse tocar os sinos, para se pendurar com todo o peso na grande corda e sentir-se levado por ela no seu vaivém.

Por isso foi crescendo como um carvalho. Adquiriu mãos robustas e cores saudáveis.

Aos doze anos, a mãe conseguiu que comesçassem os seus estudos. Foi encarregado disso o padre-cura. Mas as lições eram tão breves e com tantas interrupções que de pouco serviam. Eram dadas nas horas vagas, na sacristia, de pé, à pressa, entre um baptismo e um enterro; ou então o cura mandava chamar o seu aluno depois das ave-marias, quando já não tinha de sair. Subiam para o seu quarto e instalavam-se: os mosquitos e as borboletas voltejavam em torno da vela. Fazia calor, a criança pegava no sono e o bom do padre,

adormecendo com as mãos sobre a barriga, não tardava a risonar, de boca aberta. Outras vezes, quando o senhor cura voltava de levar o viático a algum doente dos arredores e via Charles a fazer travessuras pelo campo, chamava-o, fazia-lhe um sermão de um quarto de hora e aproveitava a ocasião para o fazer conjugar um verbo voltado para uma árvore. A chuva vinha interrompê-los, ou então qualquer pessoa conhecida que passava. Aliás, mostrava-se sempre satisfeito com ele e dizia mesmo que o rapaz tinha muita memória.

Charles não podia ficar naquilo. A mãe foi enérgica. Envergonhado, ou cansado, talvez, o pai cedeu sem resistência,

e esperou-se ainda um ano até o garoto fazer a sua primeira comunhão.

Passaram-se mais seis meses; e, no ano seguinte, Charles foi definitivamente enviado para o colégio de Ruão, aonde o próprio pai o foi levar, no fim de Outubro, na altura da Feira de Saint-Romain.

Seria impossível que agora algum de nós o tivesse já esquecido completamente. Era um rapaz de temperamento moderado, que brincava nas horas de recreio, se applicava nas horas de estudo, estava atento nas aulas, dormia bem no dormitório e comia bem no refeitório. Tinha como encarregado de educação o dono de um armazém de quinquilharias da Rue Ganterie, que o levava a passear uma vez por mês, ao domingo, depois de fechar a loja, indo com ele até ao porto para ver os barcos e acompanhando-o de novo ao colégio, às sete horas em ponto, antes da ceia. Todas as quintas-feiras à noite escrevia uma longa carta a sua mãe, com tinta encarnada, e fechava-a com três obreias; depois relia os seus cadernos de História, ou então lia um velho volume de Anacharsis deixado por cima das mesas da sala de estudo. Quando havia passeio, conversava com o criado, que, como ele, também era do campo.

À força de ser applicado, conseguiu manter sempre notas médias na classe; uma vez obteve até uma distinção em História Natural. Mas, no fim do 3º ano, os pais retiraram-no do colégio para o mandar estudar Medicina, convencidos de que ele poderia chegar sem auxílio até ao bacharelato.

A mãe alugou-lhe uma divisão num quarto andar, ao pé da Eau-de-Robec, em casa de um tintureiro seu conhecido. Fez os arranjos necessários para a pensão, comprou-lhe móveis, uma mesa e duas cadeiras, mandou vir de casa uma velha cama de cerejeira e comprou ainda um pequeno fogão de aquecimento,

em ferro fundido, juntamente com a provisão de lenha que deveria aquecer o seu querido filho. Depois despediu-se dele no fim da semana, após mil recomendações para que fosse bem comportado, agora que ficaria entregue a si mesmo.

O programa afixado com a lista das cadeiras a estudar deixou-o atordoado: Anatomia, Patologia, Fisiologia, Farmácia, Química, Botânica, Clínica, Terapêutica, sem contar Higiene e Matéria Médica, tudo nomes cuja etimologia ignorava e que se lhe apresentavam como outras tantas portas de santuários cheios de augustas trevas.

Não compreendia nada; por mais que escutasse, não apreendia. No entanto, applicava-se ao estudo, tinha cadernos cosidos com capas, assistia a todas as aulas, não faltava a uma única visita. Cumpria a sua tarefa quotidiana como um cavalo de picadeiro que gira no mesmo lugar, com os olhos vendados, ignorando o que está a fazer.

Para lhe reduzir as despesas, a mãe mandava-lhe todas as semanas, pelo almocreve, um pedaço de vitela assada no forno, que ele comia de manhã, quando regressava do hospital, enquanto ia batendo com a sola do sapato na parede. Logo a seguir tinha de correr para as aulas, para o anfiteatro, para o hospício, e voltar de novo a casa, atravessando todas as ruas. À noite, depois do magro jantar do seu hospedeiro, subia ao quarto e punha-se de novo a trabalhar, com a roupa molhada no corpo, fumegando, diante do braseiro do fogão.

Nas belas noites de Verão, à hora em que as ruas aquecidas

estão desertas e as criadas jogam ao volante junto às ombreiras das portas, ele abria a janela e encostava-se ao peitoril. O rio, que faz deste bairro de Ruão uma releve Veneza em miniatura, corria ali, por baixo dele, amarelo, violeta ou azul, entre as suas pontes e gradeamentos. Alguns operários, acocorados na margem, lavavam os braços na água. Em grandes varas que saíam das águas-furtadas, secavam ao ar livre meadas de algodão. Em frente, para lá dos telhados, estendia-se a amplidão límpida do céu, com o Sol vermelho a declinar. Como devia ser agradável estar lá fora! Que frescura se devia sentir debaixo das faias! E abria as narinas para aspirar os agradáveis perfumes do campo que chegavam até ele.

Emagreceu, ficou mais alto e o rosto adquiriu uma espécie de expressão dolente, que o tornava quase interessante.

16

Naturalmente, por negligência, acabou por se desligar de todas as resoluções que havia tomado. Uma vez faltou à visita, no dia seguinte faltou às aulas, e, tomando o gosto pela ociosidade, pouco a pouco acabou por não voltar lá mais.

Habitou-se a frequentar a taberna, com a paixão pelo dominó. Encerrar-se todas as noites num lugar público imundo, para bater com pedaços de osso de carneiro, marcados com pintas pretas, em cima de mesas de mármore, parecia-lhe um acto precioso da sua liberdade, que lhe elevava o conceito que tinha de si mesmo. Era uma espécie de iniciação no mundo, o acesso aos prazeres proibidos, e, ao entrar, punha a mão na maçaneta da porta com um gozo quase sensual: Então, muita coisa nele reprimida se expandiu, aprendeu de cor versos que cantavam as boas-vindas, entusiasmou-se por Béranger, aprendeu a fazer ponche e conheceu, enfim, o amor. Graças a este género de preparação, fracassou completamente no seu exame de oficial de saúde⁽¹⁾. Era esperado em casa, na noite do próprio dia do exame, para festejar o seu triunfo!

Meteu-se a caminho a pé e deteve-se à entrada da aldeia, onde mandou chamar a mãe e lhe contou tudo. Ela desculpou-o, atribuindo a derrota à injustiça dos examinadores, e animou-o um pouco, encarregando-se de remediar o sucedido. Só cinco anos depois o senhor Bovary soube a verdade, como já era coisa passada, aceitou-a, não podendo, além disso, supor que um homem da sua descendência fosse parvo.

Charles pôs-se então novamente a estudar e preparou todas as matérias do seu exame, aprendendo de cor todas as perguntas que lhe poderiam ser feitas. Conseguiu passar com uma nota razoável. Que feliz dia para a sua mãe! Deu-se um grande jantar.

Onde iria ele exercer a profissão? Em Tostes. Só lá havia um médico velho. Há muito tempo que a senhora Bovary espreitava a sua morte e, ainda mal o pobre homem estava preparando a viagem, já Charles se instalara mesmo em frente dele, como seu sucessor.

*1. O diploma de oficial de saúde, para o qual não era exigido o grau de bacharel, autorizava o exercício da medicina limitado a uma determinada circunscrição territorial e obrigava à presença de um médico graduado para intervenções cirúrgicas de certa importância. (N. da T.) Marlame Bovary 1)

Mas não bastava ter criado o filho, tê-lo feito estudar Medicina e descobrir Tostes para ele a exercer: era preciso arranjar-lhe mulher. Encontrou-lhe uma: a viúva de um oficial de diligências de Dieppe, que tinha quarenta e cinco anos e duzentas libras de rendimento.

Embora fosse feia, seca como um cavaco e com borbulhas sempre a rebentar como os botões na Primavera, o certo é que a senhora Dubuc não tinha falta de pretendentes a quem escolher. Para atingir os seus fins, a mãe Bovary foi obrigada a escorraçá-los todos e conseguiu até desfazer com toda a habilidade as intrigas de um salsicheiro que era protegido dos padres.

Charles entrevira no casamento o acesso a uma melhor condição de vida, imaginando que seria mais livre e poderia dispor da sua pessoa e do seu dinheiro. Mas a mulher dominou-o, na frente das pessoas, ele devia dizer isto, não devia dizer aquilo, tinha de jejuar todas as sextas-feiras, vestir-se como ela entendia, espicaçar à sua ordem os clientes que não pagavam. Abria-lhe as cartas, vigiava tudo o que ele fazia e punha-se a escutar, atrás do tabique, o que dizia no consultório quando os doentes eram mulheres.

Não dispensava todas as manhãs o seu chocolate e uma infinidade de atenções. Queixava-se continuamente dos nervos, do peito, de má disposição. O ruído de passos incomodava-a, se as pessoas a deixavam só, não suportava a solidão, se voltavam para junto dela, era como que para vê-la morrer. À noite, quando Charles voltava, tirava de debaixo da roupa os longos e descarnados braços e passava-lhos em volta do pescoço. Obrigando-o a sentar-se na borda da cama, punha-se a falar-lhe dos seus desgostos: que ele a esquecia, que amava outra! Bem lhe tinham dito que ela seria infeliz, e terminava pedindo-lhe um xarope qualquer para a saúde e um pouco mais de amor.

II

Certa noite, cerca das onze horas, foram acordados pelo estrépito de um cavalo que parava à porta deles. A criada abriu o postigo do sótão e dialogou durante algum tempo com um homem que ficara em baixo, na rua. Vinha procurar o médico, trazia uma carta. Nastasie desceu a escada tremendo de frio e foi abrir a fechadura e os ferrolhos, um a um. O homem deixou o cavalo e, seguindo a criada, entrou imediatamente atrás dela.

Tirou de dentro do seu barrete de lã com borlas cinzentas uma carta embrulhada num trapo e apresentou-a delicadamente a Charles, que se voltou de braços sobre o travesseiro para a ler. Nastasie, junto do leito, segurava a luz. A senhora, por pudor, manteve-se de costas, voltada para a parede.

Esta carta, fechada com um pequeno sinete sobre lacre azul, supplicava ao doutor Bovary que fosse imediatamente à fazenda

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

